

**FACULDADES INTEGRADAS FAFIBE**

**SUELI AP. MASSONETI FONTANESI**

**O DISCURSO POLÍTICO-SATÍRICO EM “DOM  
QUIXOTE” DE CERVANTES: UMA ANÁLISE  
INTERTEXTUAL COM A OBRA “O TRISTE FIM DE  
POLICARPO QUARESMA” DE LIMA BARRETO**

**BEBEDOURO – SÃO PAULO  
2010**

SUELI AP. MASSONETI FONTANESI

O DISCURSO POLÍTICO-SATÍRICO EM “DOM  
QUIXOTE” DE CERVANTES: UMA ANÁLISE  
INTERTEXTUAL COM A OBRA “O TRISTE FIM DE  
POLICARPO QUARESMA” DE LIMA BARRETO

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia)  
apresentado às Faculdades Integradas Fafibe  
como requisito parcial para obtenção do grau de  
Licenciado em Letras (Espanhol e suas  
respectivas literaturas).

**Orientador:** Prof. Dr. Rinaldo Guariglia

BEBEDOURO – SÃO PAULO.  
2010

FONTANESI, Sueli Aparecida Massoneti

O Discurso Político-Satírico em “Dom Quixote” de Cervantes: Uma Análise Intertextual com a Obra “O Triste Fim de Policarpo Quaresma” de Lima Barreto / Sueli Aparecida Massoneti Fontanesi – Bebedouro : Fafibe, 2010. 47f. : il. ; 29,7 cm

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras - Faculdades Integradas Fafibe, Bebedouro, 2010.  
Bibliografia: f. 42-44.

1. Literatura Espanhola. 2. Literatura Brasileira 3. Análise do Discurso.
- I. Título.

SUELI AP. MASSONETI FONTANESI

O DISCURSO POLÍTICO-SATÍRICO EM “DOM  
QUIXOTE” DE CERVANTES: UMA ANÁLISE  
INTERTEXTUAL COM A OBRA “O TRISTE FIM DE  
POLICARPO QUARESMA” DE LIMA BARRETO

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador : Prof. Dr. Rinaldo Guariglia**  
**Faculdades Integradas Fafibe – Bebedouro-SP**

---

**Membro Convidado: Prof. Ms. Mariângela Alonso**  
**Faculdades Integradas Fafibe – Bebedouro-SP**

---

Dedico este trabalho a minhas filhas Nicole e Juliana que são a razão do meu viver,  
tudo o que faço é para elas e por elas.

Amo muito vocês!

## **AGRADECIMENTOS**

Acima de tudo, agradeço a Deus pela oportunidade de frequentar um curso Superior e por ter me concedido saúde e força de vontade para percorrer o caminho certo.

Especialmente ao orientador Prof. Rinaldo Guariglia pelo incentivo, simpatia, paciência e presteza no auxílio às atividades e discussões sobre o andamento deste trabalho de Conclusão de Curso.

Aos professores ausentes Tereza, Rita, Paulo Ferrarezi, Norma e Cássia, que pelas suas competências contribuíram imensamente para a aquisição de conhecimentos e também pelo carinho, dedicação e entusiasmo demonstrado enquanto estiveram presentes no curso.

Aos demais professores Mariângela, Pepe, Luciane, Michele e Alexandre que graças ao seu empenho, dedicação e competência contribuíram de forma decisiva para o sucesso do curso. E aos demais professores, Hélio, Gelsy, Neli, Sergio Mariotini e Isabel, das áreas não específicas, mas muito importantes para a complementação do processo.

Aos demais coordenadores e funcionários das Faculdades Integradas Fafibe de Bebedouro - SP.

Aos colegas de classe que me acolheram com alegria e carinho na troca de informações e materiais em demonstração de amizade e solidariedade.

Ao meu esposo pela paciência, pelo apoio nesta caminhada e pela confiança depositada em mim. Às minhas filhas que souberam entender a minha ausência, e sempre me apoiaram. Eu amo muito vocês e jamais deixarei de reconhecer que essa vitória não é somente minha, é nossa.

E em especial a três queridas amigas e companheiras de todos os momentos: Ana Carla Noli, Letícia Nunes e Mirian Cristina Crimberg que durante esta jornada de três anos dividiram comigo momentos de trabalho, angústia e alegria. Nunca esquecerei do quarteto fantástico.

A liberdade é um dos dons mais preciosos que o céu deu aos homens.  
Nada a iguala, nem os tesouros que a terra encerra no seu seio,  
nem os que o mar guarda nos seus abismos.  
Pela liberdade, tanto quanto pela honra,  
pode e deve aventurar-se a nossa vida.

**Miguel de Cervantes**

## RESUMO

Este trabalho procurará através do estudo da análise do discurso e da intertextualidade buscar as semelhanças e diferenças no discurso político satírico dos personagens *Dom Quixote De La Mancha*, de Miguel de Cervantes e Policarpo Quaresma, da obra *o Triste Fim de Policarpo Quaresma* de Lima Barreto. Serão analisados além do contexto histórico das obras, as características dos narradores, dos personagens principais e as características discursivas de cada obra. Com isso pretendemos estabelecer um estudo de como aplicar a intertextualidade no ensino de literatura, por acreditamos ser uma maneira bastante prazerosa de se estudar a literatura no ensino médio.

**Palavras-chave:** *Dom Quixote*. Policarpo Quaresma. Intertextualidade. Análise do Discurso.



## RESUMEN

Este trabajo busca a través del estudio del análisis del discurso y de la intertextualidad encontrar las similitudes y las diferencias en el discurso satírico-político de los personajes *Don Quijote de la Mancha* de Miguel de Cervantes y Policarpo Quaresma de la obra *O Triste Fim de Policarpo Quaresma* de Lima Barreto. Se analizarán más allá del contexto histórico de las obras, las características de los narradores, de los personajes principales y las características discursivas de cada obra, se pretende establecer un estudio de cómo aplicar la intertextualidad en la enseñanza de literatura, creemos que es una forma muy agradable de estudiar la literatura en la escuela secundaria.

**Palabras clave:** Don Quijote. Policarpo Quaresma. Intertextualidad. El análisis del discurso

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>Introdução</b> .....  | 08 |
| <b>1. Análise do discurso: Fundamentos</b> .....   | 09 |
| 1.1 Ideologia no discurso.....   | 09 |
| 1.2 O sujeito e suas vozes .....   | 12 |
| 1.3 Heterogeneidade.....   | 14 |
| 1.4 O discurso político .....  | 14 |
| <br>   |    |
| <b>2. Discurso político satírico em Don Quijote</b> .....                                      | 17 |
| 2.1 Miguel de Cervantes Saavedra.....  | 17 |
| 2.2 Contexto Histórico .....   | 19 |
| 2.3 O cavaleiro da Triste Figura .....   | 21 |
| 2.4 Análise discursiva da Obra.....  | 22 |
| <br>   |    |
| <b>3. Discurso político satírico em Triste Fim de Policarpo Quaresma de Lima Barreto</b> ..... | 27 |
| 3.1 Lima Barreto, o escritor dos oprimidos.....  | 27 |
| 3.2 O Pré Modernismo e o Brasil do Início do Século XX.....                                    | 29 |
| 3.3 O Major Quaresma.....  | 31 |
| 3.4 Análise discursiva da Obra.....  | 33 |
| <br>   |    |
| <b>4 . Intertextualidade: conceitos, subdivisões e aplicação no ensino</b> .....               | 37 |
| 4.1 Semelhanças e Diferenças nas obras de Cervantes e Lima Barreto.....                        | 37 |
| 4.2 A Intertextualidade e sua aplicação no Ensino Médio.....                                   | 39 |
| <br>   |    |
| <b>5. Considerações finais</b> .....   | 41 |
| <br>   |    |
| <b>Referências</b> .....   | 42 |

## INTRODUÇÃO

Este trabalho procurará estabelecer relações entre os protagonistas da obra *Don Quixote* de La Mancha do escritor espanhol Miguel de Cervantes e da obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma* do escritor brasileiro Lima Barreto. Através deste estudo procuraremos mostrar os traços *Quixotescos* do personagem Major Quaresma, suas semelhanças e diferenças. Como parâmetro para essa comparação será utilizado a análise do discurso

O objetivo principal deste trabalho é apresentar um estudo comparativo entre o discurso político da obra *Dom Quixote* de Cervantes e o *Triste Fim de Policarpo Quaresma* de Lima Barreto, dois personagens em que a paixão e a emoção se sobrepõem a inteligência e a razão.

Os objetivos secundários são o estudo da intertextualidade como forma de aplicação ao estudo de língua e literatura; apresentação do tema da loucura em ambos os escritores, motivar o aluno, através da comparação destas obras consagradas pelo público, refletir e buscar novas formas de conhecimento.

O estudo comparativo entre autores de épocas e contextos diferentes, propiciará ao aluno conhecer e descobrir as semelhanças e diferenças entre os personagens protagonistas e seus respectivos discursos.

A escolha do escritor Miguel de Cervantes, foi pelo fato do mesmo ser considerado o mais importante e mais conhecido escritor da literatura espanhola e sua obra *Dom Quixote* inovadora por ser o primeiro romance e pela crítica à sociedade burguesa e as novelas de cavalaria comuns na Idade Média. Quanto à obra de Lima Barreto encontramos um personagem com traços *Quixotescos*, motivo pelo qual propomos um estudo de intertextualidade.

Acreditamos que os alunos do ensino médio acatarão de maneira positiva a proposta de reflexão a cerca da crítica social contidas nas duas obras.

A natureza deste trabalho é de pesquisa de campo.

O corpus consiste na análise do livro *Dom Quixote* e *Triste Fim de Policarpo Quaresma* de Lima Barreto

Este trabalho está situado na área de análise do discurso em que procuraremos encontrar na obra *Dom Quixote* de Miguel de Cervantes e de Lima Barreto semelhança e diferenças no discurso político de cada personagem. Além da AD, há também um viés literário, uma vez que o corpus utiliza-se de duas narrativas.

Este trabalho consiste em quatro capítulos: no primeiro capítulo apresentaremos os fundamentos teóricos da análise do discurso divididos nos tópicos relacionados à ideologia, ao sujeito, à heterogeneidade e ao discurso político, no segundo capítulo apresentaremos as características da obra *Dom Quixote de La Mancha*; a biografia do autor Miguel de Cervantes; o contexto histórico do século XVII; as características dos personagens principais e análise discursiva de alguns trechos retirados da obra. No capítulo três farei as mesmas considerações com a obra *O Triste Fim de Policarpo Quaresma* do autor Lima Barreto, no quarto e último capítulo buscarei as intertextualidades contida nas obras e num outro tópico as suas aplicabilidades no ensino de literatura.

## 1. Análise do Discurso: Fundamentos

A Análise do Discurso, que chamaremos de AD, é uma disciplina da área da linguística que nos permite analisar a parte mais abstrata do texto: o discurso, englobando aspectos sociológicos, antropológicos, psicológicos, linguísticos, entre outros.

Na década de 20 o lingüista Mikhail Bakhtin, já estudava “a língua como fato social” considerando-a como algo concreto manifestado individualmente por cada falante, atribuindo assim, lugar de destaque a enunciação, que corresponde ao contexto e “dá à situação de enunciação o papel de componente necessário para a compreensão e explicação da estrutura semântica de qualquer ato de comunicação verbal”. (BRANDÃO, 1995, p.9 -10)

A proposta de estudo do discurso surgiu na França, por volta de 1969 com Michel Pêcheux, que propunha uma reflexão acerca das ciências humanas da época, através do confronto entre história, psicanálise e linguística, uma releitura de Marx, Freud e Saussure, respectivamente. Essas três áreas correspondem ao objeto de estudo da AD francesa.

Foucault, filósofo, psicólogo e estudioso da linguagem, foi outro teórico bastante respeitado pelas suas teorias sobre enunciado e enunciação:

O discurso é o caminho de uma contradição a outra: se dá lugar às que vemos, é que obedecem à que oculta. Analisar o discurso é fazer com que desapareçam e reapareçam as contradições, é mostrar o jogo que nele elas desempenham; é manifestar como ele pode exprimi-las, dar-lhes corpo, ou emprestar-lhes uma fugidia aparência. (FOUCAULT, 2005, p. 171)

Portanto, de acordo com esses estudiosos, o discurso é algo que rompe com a estrutura da fala. Para a AD, o discurso é a prática, a ação do sujeito sobre o mundo, e o enunciado, num contexto mais amplo “revelando as relações intrínsecas entre o linguístico e o social” (BRANDÃO, 1995, p.10). Também é necessário ressaltar que, neste processo, o outro desempenha uma função fundamental para se constituir um significado, pois, através da enunciação se busca adaptar o contexto para cada momento levando em conta pessoa, tempo e espaço.

## 1.1 A Ideologia no Discurso

O estudo da ideologia começa com Aristóteles e sua teoria das quatro causas, material, formal, motriz ou eficiente e causa final. Para ele, todo e qualquer aspecto da realidade tinha um motivo. As causas, entretanto, segundo a teoria da causalidade, não tinham o mesmo valor, mas eram hierarquizadas. A causa motriz que fazia referência ao fabricar humano, responsável por transformar uma matéria em outra forma, era a menos valiosa. Ao contrário desta, a causa final, que é o motivo ou finalidade de alguma coisa era a mais importante. Com essa teoria, o homem começou a analisar a sua realidade e assim, iniciar a formulação de uma ideologia em se que acreditava que os escravos da época seriam a causa motriz e os seus senhores, a final.

[...] a causa final está vinculada à idéia de uso e este depende da vontade de quem ordena a produção de alguma coisa. Se, por outro lado, indagarmos a que causa corresponde o escravo ou o servo, veremos que corresponde à causa motriz ou eficiente, isto é, ao trabalho graças ao qual uma certa matéria receberá uma certa forma para servir ao uso ou ao desejo do senhor (CHAUI, 2002, p.12 )

Após Aristóteles, Augusto Comte ampliou a visão do que seria ideologia. Para ele, o termo passa a ter dois significados, a filosófico-científica que aborda a formação de ideias através das relações humanas com o meio, partindo das sensações e o conjunto de idéias de uma época, englobando uma sociedade.

Através do positivismo Comte “elabora uma explicação da transformação do espírito humano considerando essa transformação um progresso ou uma evolução [...]” (CHAUI, 2002, p.28). Por ela a humanidade passaria por três fases: a fase fetichista em que o homem explica a realidade por meio do mover divino; a fase metafísica em que o homem explica a realidade através de princípios gerais e abstratos; e a fase positiva ou científica em que o homem contempla a realidade, a analisa, formula leis gerais e cria uma ciência social que servirá de base para o comportamento individual e coletivo. Cada uma dessas explicações para os fenômenos naturais e humanos compõe uma ideologia.

Os conceitos de ideologia mais consistentes começaram a partir de Karl Marx e a sua visão, baseada em conhecimentos históricos, em relação à existência da ideologia nas diferentes sociedades. Marx acreditava que a ideologia se utiliza de

inúmeros meios para alienação do povo, principalmente através do Estado. O povo seria a representação do interesse geral, mas, na verdade, é a expressão das vontades e interesses das classes dominantes da sociedade são o que prevalecem. Outro exemplo de ideologia seria apresentar a sociedade civil como um indivíduo coletivo, pois através disso ocultaria a realidade da sociedade que é comprimida pela luta de classes. “As classes sociais não coisas nem ideias, mas são relações sociais determinadas pelo modo como os homens, na produção de suas condições materiais de existência, se dividem no trabalho” (CHAUI, 2002, p.52)

A professora Marilena Chauí (2002, p. 43) traz a seguinte definição: Ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade, o que e como devem sentir, o que e como devem fazer algo.

Concluimos, então que a ideologia é apresentada com as seguintes características: Constitui em um sistema de representações e normas que sugerem uma determinada forma de pensar e de agir dos indivíduos; tendo como função garantir determinada relação entre os homens e entre suas condições de existência, adaptando cada um às tarefas pré-fixadas pela sociedade.

No campo da linguagem Fiorin (2005, p.6) mostra a dificuldade de se fazer uma ampla reflexão sobre a linguagem, “que leve em conta o fato de que ela é uma instituição social, o veículo das ideologias, o instrumento de mediação entre os homens e a natureza, os homens e os outros homens.”

Para isso o autor cita a posição de Marx e Engels que afirmavam que a linguagem e o pensamento não constituem domínio autônomo, portanto, são expressões da vida real, considerando a linguagem como um fenômeno extremamente complexo ao mesmo tempo individual e social, físico, fisiológico e psíquico, assim a linguagem é ao mesmo tempo autônoma e determinada socialmente, sendo necessário distinguir dimensões e níveis autônomos e determinados.

Na teoria literária, D’Onofrio, trata discurso literário como sendo além da forma de estudo do sujeito dentro do discurso do texto literário, uma forma de analisar “as figuras de estilo, os desvios que a linguagem poética opera em relação à linguagem comum, ao nível lexical, sintático e semântico” (2004, p.32)

Baseando-se nestes estudos, acreditamos que o indivíduo que possui conhecimento lingüístico tem o poder de manipular as massas, como no caso dos discursos gregos, essas pessoas eram vistas com mais poder e mais evoluídas em relação as que não tinham boa retórica, o que traduz o hábito da sociedade em valorizar o conhecimento e respeitar mais essas pessoas, embora a capacidade e domínio linguístico nem sempre é acompanhado do conhecimento gramatical.

Acreditamos que para identificar a ideologia que está por trás das palavras de qualquer texto é necessário analisar todo contexto que envolve o narrador ou enunciador, considerando que o discurso é sempre a expressão de um ponto de vista a respeito da realidade na voz de seus personagens, levando em conta que a ideologia está relacionada com a cultura, as leis, a economia, as classes sociais e a visão de mundo da sociedade em tempo e espaço.

## **1.2 As vozes do Sujeito**

Segundo Brandão (apud ORLANDI, 1983) a concepção de sujeito de acordo com a teorias linguísticas modernas se divide em três fases:

A primeira fase consiste na interação entre o locutor e o receptor “troca entre o eu e o tu”; já na segunda fase temos o conflito, é o momento de tensão entre as pessoas do discurso, quando o receptor (tu) determina o que o locutor (eu) disse, “concepção fortemente influenciada pela retórica”; na terceira fase a AD rompe com essa estrutura dual e circular, reconhece que o sujeito busca uma completude, portanto, “numa relação dinâmica entre identidade e alteridade, o sujeito é ele mais a complementação do Outro” que só se dá pela interação.

Segundo Eduardo e Egina Carneiro (2007), “o sujeito na Análise do Discurso está no exterior da realidade pesquisada e que observa o fenômeno com a distância suficiente para assumir um comportamento neutro diante do fato.”

O sujeito da AD não é o sujeito da linguística clássica, o idealizado ou como mero falante e tampouco o sujeito da Gramática Normativa que é classificado em simples, composto, indeterminado, oculto e inexistente. O sujeito é historicamente determinado, para se compreender a noção de sujeito, devemos considerar, que não se trata de indivíduos compreendidos como seres que têm uma existência particular no mundo; ou seja, o sujeito, na perspectiva em discussão, não é um ser humano

individualizado... um sujeito discursivo deve ser considerado sempre como um ser social, apreendido em um espaço coletivo. (CARNEIRO apud FERNANDES, 2005, p. 33)

Para a AD, o sujeito do discurso é histórico, social e descentrado. Descentrado, por que está dentro de uma ideologia inconscientemente, histórico, por que não está alienado do mundo que o cerca e social, porque não parte do individual e sim daquele compreendido dentro de um espaço coletivo. “O sujeito de linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam”. (ORLANDI, 2005, p. 20)

De acordo com Carneiro (2007), a AD defende uma teoria não-subjetiva do sujeito, conforme explica Fernandes, “a constituição do sujeito discursivo é marcada por uma heterogeneidade decorrente de sua interação social em diferentes segmentos da sociedade”. (CARNEIRO apud FERNANDES, 2005, p. 41)

Brandão mostra que isso implica três coisas: o sujeito não ocupa uma posição central na formação do discurso; ele não é fonte do que diz; muito menos tem uma identidade fixa e estável.

Na perspectiva da Análise do Discurso, a noção de sujeito deixa de ser uma noção idealista, imanente; o sujeito da linguagem não é o sujeito em si, mas tal como existe socialmente, interpelado pela ideologia. Dessa forma, o sujeito não é a origem, a fonte absoluta do sentido, porque na sua fala outras falas se dizem. (BRANDÃO, 1995, p. 92).

Para Foucault (2005, p. 139), o lugar, que é um espaço de representação social, é que define o sujeito, “não importa quem fala, mas o que ele diz não é dito de qualquer lugar”.

Baseados nos principais pesquisadores de AD, Eduardo e Egina Carneiro (2007), apresentam várias outras definições de sujeitos: Sujeito como acontecimento simbólico: “Se não sofrer os efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história, ele não se constitui, ele não fala, ele não produz sentidos” (CARNEIRO apud ORLANDI, 2005, p. 49); o sujeito constituído de vários “eus”: “Ele é polifônico, uma vez que é portador de várias vozes enunciativas. Ele é dividido, pois carrega consigo vários tipos de saberes, dos quais uns são conscientes, outros são não-conscientes, outros ainda inconscientes” (CARNEIRO apud CHARAUDEAU, 2006, p. 458): o eu pluralizado, ocupando várias posições no texto,



assumido diversos papéis: “É múltiplo porque atravessa e é atravessado por vários discursos, por que não se relaciona mecanicamente com a ordem social da qual faz parte, por que representa vários papéis, etc.” (CARNEIRO apud ORLANDI, 1988b, p. 11).

Verificamos que não existe o sujeito sem o discurso, pois é ele quem cria um espaço para o desenvolvimento deste, através do qual o sujeito se relaciona consigo mesmo e é interpretado pelo outro, portanto o discurso nunca se repete.

É o olhar de um outro que permite a constituição de uma imagem unitária do eu. O eu só tem sentido quando o outro lhe atravessa. Não existe subjetividade sem a intersubjetividade. Não existe uma alteridade que esteja fora do eu, os dois não estão separados por uma fronteira bem definida, pelo contrário, ambos são um mosaico de vozes, que formam um saber sobre si e sobre o outro recalcado pelos jogos de poder. (CARNEIRO, 2007)

Analisando as várias definições de sujeito, chegamos a conclusão que para compreendê-lo, é necessário saber quais as vozes que fazem parte deste sujeito, pois o mesmo não tem uma identidade fixa, e sim uma identidade em constante transformação.

### **1.3 A Heterogeneidade**

A linguísta Jacqueline Authier-Revuz formulou os principais conceitos de heterogeneidade, em que desenvolveu estudos de um sujeito heterogêneo marcado pela interferência de outros discursos.

Helena Brandão (1995, p. 50) destaca as principais formas de discurso.

O discurso relatado, que é dividido em discurso indireto e direto, no primeiro o locutor exerce o papel de tradutor, dizendo o que foi feito ou dito com suas próprias palavras, no segundo coloca-se como porta-voz transcrevendo as palavras do outro; a conotação autonímica em que o locutor inscreve em seu discurso de forma ininterrupta as palavras do outro, usando aspas, itálico, ou qualquer outra entonação específica, temos então a heterogeneidade mostrada; por último as formas mais complexas como o discurso indireto livre, a ironia, a antífrase, a alusão, a imitação e a reminiscência que se joga em outro discurso muitas vezes para torná-lo mais vivo,

esta também é conhecida como heterogeneidade constitutiva, pois constitui seu sentido a partir de outras ideias.

O fenômeno da ironia, que é um dos objetos de estudo deste trabalho, é descrito nos seguintes termos de acordo com Maingueneau (1997, p.77-78) “um enunciado irônico faz ouvir uma voz diferente da do ‘locutor’, a voz de um ‘enunciador’ que expressa um ponto de vista insustentável”, palavras que contradizem com o ponto de vista representado se articulando na ambigüidade, fora da ordem, de acordo com a resposta do público pode ser uma crítica, uma sátira ou uma “transgressão da moral”, tem sempre uma intencionalidade oculta.

#### **1.4 O Discurso Político**

Considerando que a argumentação tem um papel importantíssimo no estudo da AD, a pesquisadora Eni Orlandi (1998 p. 73-74) apresenta alguns pressupostos sobre o mecanismo da argumentação, pensando o discurso e suas vertentes, que segundo ela, se divide em duas noções principais: “noção de antecipação, sustentada pelo funcionamento das formações imaginárias [...] e a noção de esquecimento ligada ao interdiscurso”

A argumentação está diretamente ligada à previsão pelo jogo das imagens do contexto que envolve o ouvinte ou o leitor nas mais diferentes situações que possibilitem a criação discursiva “todo sujeito (orador) experimenta o lugar do ouvinte a partir de seu próprio lugar de orador, constituído pelo jogo das formações imaginárias”. .(ORLANDI, 1998 p. 77)

Quanto ao discurso político, várias questões envolvem o processo, a começar pela retórica definida inicialmente na Grécia antiga por Aristóteles como a faculdade que através da especulação descobre a persuasão que é o ato de convencer o espectador pela oratória num primeiro momento, ou seja, a fala como instrumento de persuadir e o conhecimento está no plano de cada ciência.(OSAKABE, 2002 P. 156) O professor de Ciências da Linguagem Patrick Charaudeau (2006, p. 16-17) da Universidade de Paris, apresenta uma reflexão sobre a natureza, funções, regras e procedimentos do discurso político enquanto processo de influência social e importante questionamento sobre o processo contemporâneo de construção de identidades (instâncias do contrato de comunicação do discurso político).

Considera que para a Análise do Discurso, no discurso político não se pode ignorar que a linguagem não faz sentido sozinha, deve ser considerado em um certo contexto psicológico e social e que, conseqüentemente, em seus procedimentos de análise devem ser integrados conceitos e categorias pertencentes a outras disciplinas humanas e sociais, quanto às relações entre *linguagem*, *ação*, *poder* e *verdade*. Para determinarmos uma problemática de estudo é necessário entendermos o significado da palavra política, “na medida em que ela se inscreve em uma prática social, circula em certo espaço público e tem qualquer coisa que ver com as relações de poder que aí se instauram.” (Ibid., p. 16)

Marcada pela retórica, a análise incide sobre as condições e estratégias de persuasão na constituição de identidades que só se mostram enquanto máscaras.

A natureza do discurso político é definida como fundamento que sobrepõe entre linguagem e ação e palavra política funciona entre uma verdade do dizer e uma verdade do fazer, sendo uma verdade da ação que se manifesta através de uma palavra de decisão, e uma verdade da discussão que se manifesta através de uma palavra de persuasão. O autor diferencia sua abordagem daquelas de Weber, Arendt e Habermas, sustentando um duplo fundamento do discurso político (Ibid., p. 45-46): esse resulta de uma mistura entre a palavra que deve fundar o político como idealidade dos fins e aquela que deve gerar a política enquanto prática.

Para Charaudeau, (2006, p. 46) o discurso político funciona na conjunção de discursos de idéias e discursos de poder, pensamento e ação. Uma vez que os primeiros dizem respeito à verdade, e os segundos à problemática do verdadeiro, do falso e do possível.

## 2 – Discurso político satírico em Don Quijote

A obra *Don Quijote*, narrativa espanhola do século XVII, foi considerada em 2002, como a maior obra ficção de todos os tempos, por escritores renomados em Oslo na Noruega. A pesquisa foi organizada pelos editores dos Clubes do Livro Noruegueses como parte de uma campanha para promover a leitura de clássicos contra os desafios da televisão, vídeo e jogos de computador. (Folha Online, 2002)

Essa notícia foi só para destacar a importância que a obra *Don Quixote* de Miguel de Cervantes tem na literatura mundial, consagrada desde o século XVII até os dias de hoje.

As aventuras e desventuras de *Dom Quixote* foram escritas em duas partes, a primeira em 1605 e a segunda em 1615 durante o reinado de Felipe III, ao referir-se as essas duas partes Ana Aparecida Cruz (2009, p.24) comenta que “esses dois *Quixotes* se converteram em obra de deleite, admiração, comentário, crítica, versões, adaptações, traduções, discussões e, sobretudo muita reflexão”, além de se tornar uma grande fonte de inspiração para artistas, escritores e pesquisadores, baseados nestas importantes características analisaremos os discursos políticos, satíricos e irônicos contidos na obra sob a perspectiva da Análise do Discurso, considerando os aspectos ideológicos, psicológicos e lingüísticos dos personagens principais e do narrador.

### 2.1 Miguel de Cervantes Saavedra

Apresentamos neste tópico a biografia de Cervantes segundo José G. Lopes (2009, p. 274-275 e 288-289)

O escritor, romancista e dramaturgo espanhol Miguel de Cervantes Saavedra é o quarto dos sete filhos do casal Rodrigo de Cervantes e Leonor de Cortinas, nasceu em Alcalá de Henares em 1547.

Aos vinte e dois anos foi para a Itália, onde lutou na batalha de Lepanto recebendo ferimentos no peito e na mão esquerda que ficou inutilizada, torna-se soldado e participa de outras expedições militares, quando regressa para a Espanha é preso pelos piratas berberiscos. Começou, assim, um período logo de cativo em Argel onde permaneceu por cinco anos. Tentou fugir por quatro vezes colocando-se em perigo para salvar seus companheiro, por fim é resgatado pelos padres

Trinitarios, quando estava a ponto de ser conduzido à Constantinopla. Tinha então, trinta e três anos e a partir daí começou uma vida de dissabores e privações.

Depois de algum tempo se instala em Madrid e casa com Catalina de Salazar y Palacios, publica sua primeira obra: *La Galatea*.

Viaja por diversas cidades de Andalúcia, devido a problemas de desfalque financeiro esteve preso por duas vezes em Sevilha, por fim, quando morava em Valladolid, quando tinha cinqüenta e sete anos, um assassinato cometido a frente de sua casa é motivo para um novo processo, porém nunca ficou provado nada contra ele. Os últimos anos de sua vida passou em Madrid, quando escreveu a primeira parte de *Dom Quixote* e nesta época escreve incansavelmente. Todavia, pretendia voltar a Itália para acompanhar o Conde Lemos, mas não consegue, e desiludido, vai rapidamente publicando suas últimas obras: *Las Novelas Ejemplares*, *El Viaje del Parnaso*, o teatro, a segunda parte de *Quixote*. Morre em 23 de abril de 1616, poucos dias depois de escrever a dedicatória de *Persiles*.

Cervantes foi uma pessoa que enfrentou com dignidades as adversidades que a vida lhe trouxe, tanto na juventude como na vida adulta principalmente pelas condições financeiras precárias que vivia, mesmo com a fama que obteve com a publicação de *Dom Quixote*, não foi suficiente para saldar suas dívidas.

Quanto a sua formação cultural, não foi um escritor inculto, de acordo com estudos em suas obras é comprovado que conhecia a fundo as mais importantes doutrinas renascentistas e autores italianos e espanhóis mais importantes de sua época, sua ideologia estava de acordo com a do século XVI, devido às alusões que fazia a Aristóteles, Platão, Horácio, Ariosto, León Hebreo, entre outros, alguns escritores espanhóis contemporâneos afirmam que mesmo não sendo um sábio erudito, tampouco ignorava o essencial do pensamento humanístico. Por ter passado seis anos na Itália, aprendeu a língua do país e adquiriu uma sólida formação literária.

O estilo de Cervantes e suas opiniões sobre a linguagem literária correspondem à ideologia renascentista: a exaltação do natural e espontâneo e a crítica ao artificialismo, também pode aparecer esporadicamente em alguns parágrafos com uma linguagem rebuscada, pomposa, porém trata-se de uma imitação irônica dos livros de cavalaria encontrados em *Dom Quixote*.

Cervantes transita entre o renascimento e o Barroco, embora sua formação seja renascentista pelo idealismo, platonismo, natureza e otimismo por ter visto a Espanha triunfar em momentos decisivos, por outro lado as circunstâncias pessoais de sua vida e alguns acontecimentos históricos como o começo da decadência espanhola, também o leva a adotar uma postura barroca como os contraste encontrados em *Dom Quixote*: ilusão ou verdade, gigante ou moinhos, Dulcinea del Toboso ou Aldonza Lorenzo?

Portanto, concluímos que Cervantes faz uso da linguagem renascentista, mas utiliza recursos do Barroco.

## 2.2 Contexto Histórico

É importante destacarmos o contexto histórico em *Dom Quixote* para podermos entender a ideologia da mais importante obra cervantina. Conforme já destacamos a novela se passa no século XVII na região central da Espanha. Nesta época, segundo Soler (2008, p. 310), quando foi escrita a primeira parte em 1605 nos primeiros anos do reinado de Felipe III, histórica e politicamente a monarquia espanhola passava por momentos dramáticos, com a chegada de um rei fraco e um *valido*, que era uma figura política de confiança do rei, muito ganancioso. Don Francisco Gómez de Sandoval y Roja, mais conhecido como duque de Lerme que era o favorito do rei, que graças ao seu apoio dominou o mundo político, foi considerado como o paradigma da corrupção na Espanha concedendo todo tipo de honrarias e regalias graças a sua posição privilegiada junto ao rei. Foi destituído pela corte em 1618 quando a corrupção chegou a níveis intoleráveis, diziam na época que “*para no morir ahorcado, el mayor ladrón de España se vestió de colorado*”, numa alusão ao duque que foi para Roma e conseguiu o *capelo cardenalicio*, se tornando cardeal, isto antes de sua saída, evitando assim, todo tipo de processo ou condenação.

Em 1615 foi escrita a segunda parte de *Dom Quixote*, época em que a Espanha alcança a plenitude do reinado de Felipe III. Nesta época ocorreram vários tratados entre os países inimigos da Espanha, como a Inglaterra, França e Países Baixos que ficou conhecido como “Pax Hispanica”, que embora muitos historiadores considerem como sinal de fraqueza da monarquia, foi um período em que a

Espanha pode recuperar sua força militar e econômica, induzindo seus oponentes a se afastarem de suas empreitadas militares, o que na realidade tanto Felipe III como seus assessores pretendiam que essa trégua só duraria até a Espanha retomar a luta e derrotar seus inimigos.

Outro fato importante ocorrido nesta época foi a expulsão dos Mouros (1609-1614) que se deu devido a intolerância religiosa ao grupo islâmico que muitas vezes era submetido à cristianização forçada. Foram obrigados a embarcar para o norte da África, deixando a Espanha, depois de mais de oitocentos anos de ocupação.

Neste fragmento temos um breve comentário acerca do contexto social da Espanha na época de Cervantes:

O *Quixote* de Cervantes é obviamente um romance realista porque mostra “a pobre realidade provinciana de seu país” por meio de recurso de contrapô-la aos romances de cavalaria, como se a realidade real e prosaica da Espanha, que o louco cavaleiro atravessa, alcançasse sua realidade justamente pelo contraste com a realidade novelesca e poética que os cavaleiros andantes da ficção atravessavam, como se, na oposição entre a Espanha real, construída no romance, e o mundo fictício e encantado dos cavaleiros estivesse precisamente o efeito de realidade ou o efeito de realismo do *Quixote*. (LARROSA, s.d., p.132)

### 2.3 O cavaleiro da Triste Figura

Alonso Quijano viveu em algum lugar na região de Mancha na Espanha. Era um fidalgo com poucos recursos, comia e vestia-se como pobre, tinha uns cinquenta anos, era magro e seco, vivia com uma sobrinha e uma criada e tinha um *rocin flaco*, que era um cavalo de má qualidade com poucas carnes, essa é a descrição do homem que se fez cavaleiro: *Don Quijote de la Mancha* quando perdeu o juízo completamente de tanto ler livros de cavalaria que “*le seco el cerebro*”. Chamou de Rocinante o seu cavalo, pegou algumas armas que eram de seus avós e montou sua armadura de cavaleiro, mas como todo cavaleiro idealizou a *señora de sus pensamientos* e chamou-a Dulcinea del Toboso, a quem dedicava todos os seus feitos de bravura, pois dizia-se que “*el Caballero andante sin amores era árbol sin hoja y sin fruto y cuerpo sin alma*”. *Dom Quixote* precisava de um escudeiro, então procurou seu vizinho camponês “*hombre de bien y de poço entendimiento*” que

aceitou a proposta em troca seria governador de uma ilha que supostamente *Quixote* ganharia com suas aventuras.(CERVANTES, I 1995, p. 9-11, 32)

Feito cavaleiro Don *Quixote* resolve sair pelo mundo em busca de aventuras com o intuito de imitar tudo o que leu nos livros das novelas de cavalaria, junto de seu fiel escudeiro que simboliza a razão, embora inocente muitas vezes e *Quixote* simbolizando o ideal, mas seria ele totalmente louco?

A loucura retratada na obra parte de uma tradição cultivada durante o século XVI, quando o tema passa a fazer parte da imaginação do europeu, tornando-se algo popular, “devido ao fascínio que esta provoca por conta de seu caráter ambíguo: assombro e ao mesmo tempo admirável.” (CRUZ, 2009, p. 124)

Uma obra que se destaca para o entendimento da loucura de *Dom Quixote* é o *Elogio da Loucura* escrita em 1509 pelo filósofo holandês Erasmo de Rotterdam. Alguns estudos do século XX apontam uma forte influência de suas ideias nas obras cervantinas, principalmente no diz respeito ao problema da ilusão e do engano.

A loucura é personificada na obra de Erasmo, que cujo tema considerava como um “artifício literário”, realizando um sermão com o que ele considerava desatinos da sociedade de sua época como o culto à sabedoria, as paixões amorosas, à arte, à ambição pela fama, à religiosidade, entre outros, justificando desta forma todos os atos humanos. A loucura, portanto, como personagem está em tudo que acontece no mundo. “Foi bastante, portanto, a minha só presença para eu conseguir aquilo que vigorosos oradores mal teriam podido alcançar com um fastidioso e maduramente meditado discurso: expulsar a tristeza de vossa alma.” (ROTTERDAM. 2003, p.16), portanto, consideramos a loucura, também como personagem da obra de *Dom Quixote de La Mancha*, pois dá vida ao personagem que morre quando recupera a razão. Essa loucura também está presente em Triste fim de Policarpo Quaresma, conforme veremos no próximo capítulo.

De acordo com Eunice Souza (2008, p.1) *Dom Quixote* se define como o herói problemático. Utilizando a Teoria do Romance, de Lukács a pesquisadora afirma que é um herói solitário que rompe com o mundo e se esforça para realizar-se externamente, ocorrendo um estreitamento da alma: “Sua alma está encerrada num mundo de certezas e nada que vivencia é proveniente de matéria de experiência vivida, todas as suas ações estão voltadas para o exterior.”



O seu ideal é sua única realidade, o seu desejo é estar sempre em atividade e a narração se volta para a ação.

“A alma desse herói é acabada em si mesma, como uma obra de arte ou divindade, e não pode exprimir-se senão por meio de atitudes inadequadas ‘devido a esse encerramento maniaco em si mesmo’ (SOUZA apud LUKÁCS, 2008, p,1); em consequência disso, suas ações não são aceitas pela sociedade que o cerca, criando o conflito dele com os demais. “Assim o máximo de sentido adquirido pela experiência vivida torna-se o máximo de não-senso: a sublimidade torna-se loucura, monomania” (SOUZA apud LUKÁCS, 1933, p.113)

## 2.4 Análise discursiva da Obra

Conforme os estudos apresentados neste trabalho, procuraremos a partir deste tópico analisar alguns discursos políticos satíricos relevantes encontrados na obra *Dom Quixote* que é um dos principais objetos de estudo deste trabalho.

Começaremos pelo discurso que *Dom Quixote* fez para alguns trabalhadores cuidadores de cabras que o acolheu quando ele e Sancho precisavam de um lugar para passar a noite. Após se alimentar e beber vinho, sem ser solicitado, o cavaleiro andante começou a falar a respeito da “*Edad dorada*”:

Dichosa edad y siglos dichosos aquellos a los que los antiguos pusieron nombre de dorados; y no los llamaron así porque en aquella época el oro se podía encontrar fácilmente, sino porque los que vivían entonces ignoraban estas palabras de tuyo y mío. Eran, en aquella santa edad, todas las cosas comunes. A nadie le era necesario para comer, darse más trabajo que alzar la mano y coger el dulce fruto que le daban generosamente las robustas encinas<sup>1</sup>. Las claras fuentes y corrientes ríos les ofrecían transparentes aguas en magnífica abundancia. Entre las rocas o en los troncos de los árboles, las discretas abejas ofrecían la fértil cosecha de su dulcísimo trabajo. Con las anchas cortezas de los alcornoques<sup>2</sup> se cubrían las casas, que sólo eran defensas contra las inclemencias<sup>3</sup> del cielo.

Todo era paz entonces, todo amistad, todo concordia. Aún no se había atrevido el arado a abrir las entrañas de la tierra, nuestra primera madre; y ella, sin ser trabajada, ofrecía por toda parte lo que podía alimentar y satisfacer a sus hijos. Entonces andaban las

---

<sup>1</sup> Carvalho

<sup>2</sup> Refere-se à arvore da cortiça

<sup>3</sup> Rigores

simples y hermosas doncellas en trenza y en cabello, sin más vestidos que aquellos que eran necesarios para cubrir honestamente lo que la honestidad quiera y ha querido siempre que se cubra. Sus vestidos no eran de los que ahora se usan. Con algunas hojas verdes entretejidas iban tan elegantes y bien vestidas como ahora nuestras cortesanas.

Entonces el amor se expresaba tan sencillamente como lo concebía el alma. Ni el engaño ni malicia se mezclaban con la verdad y la sencillez. Ni el interés ni el favor perturbaban la justicia como tanto lo hacen ahora. No prevalecía la opinión del juez sobre la ley porque entonces no había nada que juzgar ni nadie que fuese juzgado.

Las doncellas andaban, como tengo dicho, por dondequiera, solas, sin temor a ser perseguidas por las lascivas tentativas de los que las pretendían. Y solo cedían al amor de su gusto y propia voluntad. Y ahora en estos nuestros detestables siglos, ni encerrados en un laberinto estarían a salvo de la solicitud y del acoso que les hacen perder la virtud y el honor. Para su seguridad se instituyó la orden de los caballeros andantes, para defender las doncellas, proteger las viudas y socorrer a los huérfanos. De esta orden soy yo, hermanos cabreros, y os doy las gracias, porque sin saber que por ley natural todos los que viven están obligados a favorecer a los caballeros andantes, me habéis acogido a mí y a mi escudero. (CERVANTES, I, 1995, p. 45-46)

Neste discurso podemos observar que *Dom Quixote* usou palavras muito rebuscadas, uso da retórica, para um público analfabeto, os cabreiros só ficaram ouvindo, mas não entenderam uma só palavra do que foi dito, o que mostra através da sátira a inconformidade com a sociedade “*Y ahora en estos nuestros detestables siglos*”

Em primeiro lugar se tem uma lembrança nostálgica de um passado mítico de conotação comunista em que todas as coisas eram propriedades comuns, se contrapondo com o seu tempo em que tudo se baseia no poder e no dinheiro. “*Eran, en aquella santa edad, todas las cosas comunes*”, “*ignoraban estas palabras de tuyo y mío*”

Seus principais argumentos são a comparação das épocas falando das virtudes humanas, da liberdade, da paz, da pureza de sentimentos e da fartura que havia na natureza. Fala das mulheres que eram tão bem vestidas, mas no seu tempo apenas as cortesãs, mulheres da corte, tinham esse privilégio, critica também o assédio sexual, a malícia “*Las doncellas andaban, como tengo dicho, por dondequiera, solas, sin temor a ser perseguidas por las lascivas tentativas de los que las pretendían.*” (CERVANTES, I, 1995, p. 46)

Por último, Don *Quixote* fala da cavalaria andante, atribuindo a ela a missão de instituir a segurança, pois só os cavaleiros podem defender os mais oprimidos. Desta forma eles não tinham mais com quem contar, além dele, numa crítica direta à monarquia, e que toda a hospitalidade dos cabreiros em recebê-los, é uma “*ley natural*”, uma vez que estão recebendo seus bem feitores.

Segundo Cruz (2009, p. 155-156) para tornar mais persuasiva a sua fala, *Dom Quixote* faz uso da sinestesia, em que estimula as sensações corporais dos ouvintes com a finalidade de aproximá-los mais de seu discurso, tornando-o assim mais deleitoso, quando fala de seus aspectos naturais e suas agradáveis sensações como “*dulce fruto*”, “*Claras fuentes*”, “*corrientes ríos*”, entre outros. Outro recurso utilizado é da hipotipose, com a intenção de que o ouvinte torne real o belíssimo quadro em que descreve a paisagem da Idade Dourada, como se o interlocutor realmente estivesse vendo o que está sendo descrito pelo orador.

Com relação à loucura de *Dom Quixote*, Cruz (2009, p.151) afirma que “se manifesta quando ele vê a possibilidade de imitar a atitude dos lendários cavaleiros”, neste caso foi a simples recepção dos cabreiros o motivo para fazer o discurso, para um público, que conforme já dissemos, o enunciado estava fora do contexto social deles, o que tornou a comunicação sem sentido. Porém se considerarmos a construção do discurso, está extremamente bem elaborada, o que não condiz a condição de louco, como era taxado *Dom Quixote*.

No segundo texto selecionado, don *Quixote* estava sentado à mesa com os duques e o eclesiástico que era um religioso, quando a duquesa lhe perguntou se tinha notícias de Dulcinea, ele disse que suas desgraças nunca tinham fim, que tivera que enfrentar gigantes, ladrões que apareceram no seu caminho e como se não bastasse, os encantadores haviam transformado Dulcinea em uma lavradora feia. Ouvindo isto o eclesiástico se revoltou e disse para o duque:

-Vuestras excelencia, señor mío, tiene que pedir perdón a Nuestro Señor de lo que hace este buen hombre, y no permitir que este don Quijote, o don Tonto, pueda tener ocasiones de ejercer sus tonterías y locuras.

Y volviéndose a don Quijote, le dijo:

-Y a usted, ¿quién le ha puesto en el cerebro que es caballero andante y que vence gigantes? Ande, vuelva a su casa y deje de andar vagando por el mundo, haciendo reír a cuantos le conocen y no conocen. ¿En dónde ha hallado usted que hubo ni hay caballeros

andantes? ¿Dónde hay gigantes en España o Dulcineas encantadas?

Don Quijote estuvo atento a las palabras de aquel respetable hombre, y viendo que callaba, muy encolerizado, temblando de los pies a la cabeza, se puso de pie y dijo:

-Todos saben que las armas de los togados son las mismas que las de la mujer: la lengua. Así, con la lengua entraré en igual batalla con vuestra merced. Unos van por el ancho campo de la ambición, otros por el de la adulación, otros por el de la hipocresía, y algunos, por el de la verdadera religión. Yo voy por el estrecho camino de la caballería andante. Por eso desprecio los bienes de fortuna; pero no la honra. Yo he reparado injusticias, castigado insolencias, vencido gigantes; no soy de los enamorados viciosos, sino de los platónicos. Mis intenciones siempre son de hacer bien a todos y mal a ninguno. Si el que hace esto merece ser llamado bobo, díganlo vuestras grandeza, Duque y Duquesa. (CERVANTES II, 1996, p.67-68)

Neste fragmento temos um discurso bastante crítico de *Dom Quixote* que responde com veemência ás críticas do eclesiástico colocando-o no seu devido lugar, conforme observação de Maria Augusta Vieira. (2006, p.165)

Podemos perceber que *Quixote*, esperou o religioso, que na verdade era o capelão do castelo se calar para dar a resposta, mostrando assim bastante segurança no que iria dizer. Falou no mesmo tom agressivo do eclesiástico, o que nos leva a crer que a própria igreja já não era tão respeitada na época, pois ao comentar que nem todos os togados vêm pela verdadeira religião, automaticamente insinua que muitos não agem de maneira ética. Ao dizer que a arma dele é a língua, podemos deduzir que na opinião de *Quixote*, o capelão falava demais e sem conhecimento de causa, pois ao justificar-se *Quixote* enaltece sua causa.

*Dom Quixote* faz uso da retórica de maneira eficiente, o que contradiz com sua condição de louco. Ao afirmar que é um enamorado platônico, supõem-se que deveria ter consciência da sua condição estar vivendo um amor impossível, porém não se cansava de procurar por sua musa Dulcinea, escreveu cartas, e fazia tudo o que fosse possível para “desencantá-la”, pois acreditava que um encantador a transformara em uma lavradora comum.

Para finalizar analisaremos o discurso de quando Sancho foi governador da Ilha Baratária. Em mais uma burla dos duques, Sancho assumiu o cargo que tanto desejava. No começo teve que resolver alguns problemas com os moradores, e se saiu muito bem como juiz, até que apareceu um médico que com o pretexto de cuidar de sua saúde não lhe deixava comer, o que era uma tortura para um glutão como ele. Seus problemas só estavam começando, quando recebeu um

comunicado que a ilha estava sendo invadida pelo exército inimigo; como não tinha experiência em táticas de guerra, se viu desesperado e pediu ajuda aos seus assessores que o puseram dentro de uma armadura tão pesada que não conseguia se mover. Quando os “invasores” chegaram, já que não passava de mais um teatro articulado pelos duques, no meio da correria caiu e não conseguiu se levantar e nem ver o que estava acontecendo, até que alguém gritou: vitória, vitória! Sancho decepcionado por não poder fazer nada para evitar o suposto ataque renuncia o cargo de governador, e deixando a ilha foi ao encontro de seu asno disse o seguinte:

-Ven acá, amigo mío, compañero de mis trabajos y miserias. Cuando estaba contigo, dichosas eran mis horas, mis días y mis años. Pero cuando te dejé y subí sobre las torres de al ambición, sólo me han entrado en el alma mil penas y miserias.

Con mucha pena, Sancho subió sobre el asno, y dirigiéndose al mayordomo, al secretario y a Pedro Recio, el doctor, y a otros muchos que estaban presentes, dijo:

-Abran camino, señores míos, y déjenme volver a mi antigua libertad. Yo no nací para ser gobernador ni para defender ínsulas de los enemigos. No quiero estar sujeto a la miseria de un médico impertinente que me mate de hambre.

Vuestras mercedes se queden con Dios, y digan al Duque mi señor que desnudo nací, desnudo me hallo: ni pierdo ni gano; quiero decir que sin dinero entré en este gobierno, y sin dinero me voy. Ahora apártense y déjenme ir.(CERVANTES II, 1996, p.97)

Ao longo da obra nota-se que Sancho adquiriu uma notável habilidade discursiva, muito provavelmente em função da companhia de seu amo, lembrando que ele foi descrito nos primeiros capítulos da obra como analfabeto e de pouco entendimento. Neste discurso de despedida da Ilha a qual governou por pouco tempo, faz uso da retórica de maneira bastante expressiva conforme mostra Maria Augusta Vieira: “Nesta alocução, dá provas de toda a sabedoria e da admirável habilidade oratória que adquiriu [...]”,(2006, p. 258-259). Para a pesquisadora é um discurso grave, enérgico e muitas vezes atinge um tom até patético, que ocorre quando suplica para voltar a sua antiga liberdade.

### **3 – O Discurso político satírico em *Triste Fim de Policarpo Quaresma* de Lima Barreto**

Neste capítulo analisaremos as principais características do autor Lima Barreto, o contexto histórico social, político e literário brasileiro, as características do personagem principal da obra: Major Policarpo Quaresma e a análise discursiva de textos selecionados na obra que servirão de base para uma análise intertextual com a obra *Dom Quixote de La Mancha*, que serão discutido no próximo capítulo deste trabalho.

#### **3.1 Lima Barreto, o escritor dos oprimidos**

Aos 13 de maio de 1881, nascia no Rio de Janeiro Afonso Henriques de Lima Barreto, um dos grandes escritores brasileiros. Filho mais velho de João Henriques de Lima Barreto e Amália Augusta, casal de mulatos que viviam no bairro das Laranjeiras no Rio de Janeiro, o pai era tipógrafo e sua mãe professora, segundo a biografia escrita por Carlos Faraco (2001, p. 1-30). Aos seis anos perdeu a mãe, na escola era um aluno brilhante, aos dezesseis anos começa a freqüentar a Escola Politécnica do Rio de Janeiro, onde cursa engenharia civil. Se tornar um doutor era um sonho de seu pai, que não conseguindo se tornar médico, desejava ver o filho formado. Logo que começou seus estudos, Lima Barreto pode sentir na pele o preconceito dos colegas para com ele, um dele chegou a dizer: “como pode um mulato com nome de rei?” Não fez um bom curso, pois preferia estudar filosofia na biblioteca a assistir as aulas, com isso, despontava-se a vocação para escritor. No jornal estudantil: A Lanterna, escreve seus primeiros escritos, já com um estilo irônico e sarcástico.

Em 1902 seu pai João Henriques, de uma hora para outra, enlouqueceu, e foi internado em um hospício. Então, Afonso Henriques, sendo o irmão mais velho, teve que abandonar a faculdade para cuidar da família. Mudo-se para a Ilha do Governador, onde estava sua família, prestou concurso e foi trabalhar como escriturário no Ministério da Guerra. Junto com um colega da repartição de nome Domingos Ribeiro Filho, escritor e boêmio, começa a freqüentar cafés onde conhece pessoas do meio jornalístico; desta forma começa a publicar reportagem no jornal

Correio da Manhã, mas suas reportagens cada vez mais são escritas de forma romaneada, dessa forma sobrepondo-se o escritor ao jornalista.

Nesta época as pessoas tratavam de forma irônica e preconceituosa o fato de que cada vez mais Lima Barreto se aperfeiçoava como romancista, por ser mulato julgavam-no incapaz de se tornar um intelectual famoso.

Alheio às críticas dedicava-se cada vez mais à literatura, escrevia de maneira desordenada e quase compulsiva, começava escrever as obras, mas não as concluía, começou a planejar os primeiros capítulos de *Clara dos Anjos*, em que denuncia o preconceito racial, porém, só concluiu em 1922.

Em 1906 escreve para a revista Fon-Fon, uma das mais populares do Rio. Nesta época também já havia escrito os primeiros capítulos do romance “*Recordações do Escrivão Isaías Caminha*”, em que criticava a mediocridade da imprensa no Brasil. Como não tinha como divulgá-lo, fundou com alguns amigos a revista Floreal com o intuito de abrir espaço aos escritores que produzissem textos jornalísticos ou literatura militante, que denunciasses os problemas da sociedade. Consegue publicar os primeiros capítulos apenas no terceiro número da revista, quando recebe alguns elogios, mas a revista só dura até o quarto número. Sem condições de publicar seu romance e por vários outros problemas, Lima Barreto começa a beber excessivamente.

Em 1909 finalmente consegue publicar em Lisboa seu romance “*Recordações do Escrivão Isaías Caminha*”, porém sem receber direitos autorais.

Começa a publicar em folhetins no ano de 1911, no Jornal do Comércio “*Triste Fim de Policarpo Quaresma*” sua obra mais conhecida.

Devido a alucinações provocadas pelo alcoolismo, em 1914 é internado por dois meses em um hospício. Quando volta para casa, em vinte e cinco dias escreve o romance *Numa e a Ninfa* satirizando a classe política, foi publicado em folhetins no jornal A Noite em 1915.

No ano de 1916, tomou dinheiro emprestado para poder bancar a publicação de “*Triste Fim de Policarpo Quaresma*”. Surge então, um dos mais importantes personagens da literatura brasileira. Junto a publicação incorporou mais dois contos “*A Nova Califórnia*” e “*O Homem que Sabia Javanês*”, o livro foi bem comentado pela crítica na época.

Durante a primeira Guerra Mundial, surgem novas idéias políticas e Lima Barreto exprime simpatia pelo socialismo, passando a escrever para vários jornais, criticando, entre outros, o conceito de patriotismo do elegante Olavo Bilac.

Endividado e com a saúde cada vez mais debilitada, em 1917 candidatou-se à Academia Brasileira de Letras, mas não é eleito. No ano seguinte aposenta-se do Ministério da Guerra por invalidez. Do leito do hospital envia para Monteiro Lobato, que é dono de uma editora os originais de *M. J. Gonzaga de Sá*, que havia escrito a bastante tempo. A obra foi aceita e pela primeira vez receberia os direitos autorais, publicada em 1919, foi elogiada pela crítica, então, tentou mais uma vez uma vaga para na Academia Brasileira de Letras, sendo recusado novamente.

No Natal deste mesmo ano, foi encontrado pelo irmão perambulando pelas ruas sujo e rasgado, foi internado novamente no hospício, ficando lá até fevereiro de 1920, onde escreveu "*O Diário do Hospício*", o qual pretendia aproveitar para o romance "*O Cemitério dos Vivos*", porém, não conseguiu concluir. Neste mesmo ano publica o livro de contos "*História e Sonhos*."

Um amigo chamado Ranulfo Prata, médico e escritor, admirador da obra barretiana, tentou salvá-lo da situação precária em que se encontrava. Convenceu-o a deslocar-se para Mirassol, no estado de São Paulo; de passagem pela capital paulista conheceu pessoalmente Monteiro Lobato.

Em Mirassol, graças aos cuidados médicos de seu amigo, se encontrava em condições menos deploráveis, mas quando foi convidado para proferir uma palestra sobre literatura em Rio Preto, por não gosta de falar em público, mesmo já tendo escrito a palestra, não compareceu ao evento, e foi encontrado bêbado caído na sarjeta, não conseguindo controlar o vício.

Lima Barreto morre de colapso cardíaco no dia 1º de novembro de 1922.

Neste pequeno trecho da obra "*O Cemitério dos Vivos*" publicado postumamente, o autor Lima Barreto conta um pouco de seu drama pessoal:

Oh! Meu Deus! Como eu tenho feito o possível para extirpá-lo (...) Se foi o choque moral da loucura de meu pai, do sentimento de não poder ter a liberdade de realizar o ideal que tinha na vida, que me levou a ela, só um outro bem forte, mas agradável, que abrisse outras perspectivas na vida, talvez me tirasse dessa imunda bebida que, além de me fazer porco, me faz burro. (FARACO apud BARRETO, 2001, p. 27)



### 3.2 O Pré Modernismo e o Brasil do Início do Século XX

O período que vai da proclamação da república no ano de 1889 pelo marechal Deodoro da Fonseca até 1930 com o golpe militar de Getúlio Vargas, ficou conhecido como República Velha. É neste contexto que Lima Barreto viveu e escreveu *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, período em que nos cinco primeiros anos tivemos dois presidentes militares, Marechal Deodoro, que assume o poder como chefe de governo provisório. Com a aprovação da primeira constituição foi adotado o regime presidencialista e o congresso o elegeu como presidente e Floriano Peixoto como vice-presidente. Pouco tempo depois Deodoro da Fonseca desentendeu-se com o congresso, dissolvendo a câmara e o senado convocando novas eleições, mas a reação do chefe da marinha e a ameaça de guerra civil fizeram com que renunciasse a presidência. Assumindo em seu lugar o vice Floriano Peixoto, no seu governo foi restaurada a normalidade no legislativo e o novo presidente teve que enfrentar movimentos que ainda apoiavam a monarquia.

A partir de 1894, com a eleição do primeiro presidente escolhido por voto direto: Prudente de Moraes, iniciou-se, então, um período de governos civis que representavam os interesses das classes cafeicultoras, agrário-exportadora principalmente, sendo, portanto, a agricultura a maior e principal fonte de riquezas do país. (LAROUSSE, 1998, v.4, p. 917)

Na literatura, o período que vai de 1902 a 1922 é conhecido como Pré-Modernismo, cujas características são o nacionalismo crítico centralizado nos problemas brasileiros em oposição ao romantismo. Mesmo estando ligado ao século XIX pela linguagem, a temática é moderna, trazendo para a literatura as novas regiões brasileiras, que até então não eram tematizadas na época, porém esse não é o caso de Lima Barreto que apresenta o subúrbio carioca como seu principal cenário, mostrando a vida dos pobres, dos alcoólatras e do pequeno burguês. Relatou a sociedade de seu tempo, revelando os principais acontecimentos do novo regime.

Levando-se em conta o contexto histórico em que está inserido o romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, há um idealismo no sentido de tentar resolver os problemas agrários do Brasil, considerando-se que a economia do país era predominantemente agrícola.

Um outro fator importante relacionado ao contexto histórico da obra barretiana é o fato do marechal Floriano Peixoto sair da realidade para a ficção, atuando no próprio papel de presidente.

### 3.3 O Major Quaresma

O Major Policarpo é um militar patriota, funcionário público que toma para si a incumbência de endireitar o país. Conforme a descrição do narrador, “um homem pequeno, magro, que usava *pince-nez*, olhava sempre baixo, mas, quando fixava alguém ou alguma coisa, os seus olhos tomavam, por detrás das lentes, um forte brilho de penetração, e era como se ele quisesse ir à alma da pessoa.” (BARRETO, 2001, p. 20) Na sua pretensão se acha com conhecimentos suficientes para modificar as estruturas culturais, agrárias e políticas da nação. Suas atitudes excêntricas são sempre extremadas e incompreendidas por todos, o que não demora muito para tornar-se chacota pública com a idéia de adotar o tupi como língua oficial no lugar da língua portuguesa. É excluído da comunidade, acaba por se internar em um manicômio. Posteriormente, tenta uma reforma pela agricultura, e, como sempre, age de forma desatinada, e acaba com um prejuízo enorme, por acreditar que as terras brasileiras não necessitavam de adubos e também pela exploração sofrida pelo pequeno agricultor, que não consegue vender seus produtos por um preço justo, ficando nas mãos dos atravessadores. Quando tenta uma reforma pela política, ironicamente, acaba preso e condenado à morte pelo governo que sempre defendera.

Osman Lins considera a obra de Lima Barreto um documento histórico e político que permite uma análise sociológica, para ele “Policarpo Quaresma é um romance sobre o desajuste entre o imaginário e o real, entre a idealização e a verdade, entre a idéia que o personagem título faz de seu país e o que seu país realmente é”. (1976, p. 110)

Destaca também o contraste entre a austeridade do Major Quaresma e a futilidade dos demais cidadãos do seu ambiente, ressaltando assim, o conflito do homem com o meio.

Desta forma, Quaresma aparece como frágil e solitário porque sua confiança nas instituições políticas nada mais é do que um grande equívoco, conforme o

próprio marechal Floriano lhe disse: “Você, Quaresma, é um visionário...” (BARRETO, 2001, p. 150) Um visionário não porque seja louco ou porque seus projetos sejam absurdos em si, mas por não se adequarem e até serem contrários aos interesses dos grupos que detêm o poder.

Ao final, como ao longo de toda a obra, Quaresma, mais uma vez, percebe os fatos com realismo, porém, não entende por que sua aventura termina em tragédia.

Entre os personagens secundários mais importantes da obra, destacamos Ricardo Coração dos Outros, que era um cantor, compositor e tocava violão, era um personagem complexo, só menos importante que o major, era a personificação do artista nacional na visão de major Quaresma, que fazia aulas de violão para aprender tocar as modinhas, que considerava legitimamente nacionais, representam a cultura popular das classes menos favorecidas, já que para a pequena burguesia, que era o habitat de Policarpo Quaresma, um violeiro não era bem visto. Foi amigo incondicional do major, buscava através do seu trabalho a ascensão social.

Outra personagem importante da história foi a afilhada do major Quaresma, Olga filha de Coleoni, imigrante italiano, era a única que compreendia as ações de seu padrinho e ao contrário da maioria admirava sua ousadia (FIGUEIREDO, 1997, p. 388) “tinha piedade simpática por ver mal compreendido o ato daquele homem que ela conhecia a tantos anos, seguindo o seu sonho isolado, obscuro e tenaz.” (BARRETO, 2001, p. 90). Por último tenta livrar o padrinho da condenação indo conversar com o presidente; não tendo conseguido seu intento, reflete sobre a situação e conclui que é melhor ele morrer heroicamente do que ferir o orgulho do padrinho com o pedido de clemência.

Olga representa a mulher consciente que age por vontade própria, rebela-se contra o marido que só pensa na própria carreira, se revolta contra o sistema quando da prisão do padrinho e é o tipo de mulher que não aceita o papel submisso e secundário como de Maricota, esposa de Albenaz, ou de Adelaide, irmã de Policarpo.

Neste diálogo com o marido que não queria permitir que ela fosse intervir a favor do major Quaresma, vemos claramente o perfil de uma mulher que quer ter seu espaço na sociedade:

– É isto! "Eu", porque "eu", porque "eu", é só "eu", para aqui, "eu" para ali... Não pensas noutra coisa... A vida é feita para ti, todos só

devem viver para ti... Muito engraçado! De forma que eu (agora digo "eu" também) não tenho direito de me sacrificar, de provar a minha amizade, de ter na minha vida um traço superior? É interessante! Não sou nada, nada! Sou alguma coisa como um móvel, um adorno, não tenho relações, não tenho amizades, não tenho caráter? Ora!... (BARRETO, 2001, p. 181)

O personagem do marechal e presidente Floriano Peixoto, que conforme já dissemos, sai da realidade para a ficção, tem sua importância principalmente por representar o poder. Alvo de violentas críticas nas intervenções do autor/narrador, que nestas ocasiões o identifica como o Floriano do mundo real e não como personagem de ficção. O marechal é descrito como um ditador, intelectualmente limitado e politicamente despreparado.

### 3.4 Análise discursiva da Obra

Composta por três partes, cada uma dividida em cinco capítulos, *Triste Fim de Policarpo Quaresma* narra a história do Major quaresma, um nacionalista bem intencionado mas ingênuo que pretende reformar o país, tanto na proposta da troca do idioma oficial como no setor agrícola. A narração é organizada por um narrador heterodiegético em terceira pessoa, que às vezes assume a posição de autor/comentarista, apontando e selecionando ideias e fatos relevantes, principalmente quando se trata de fornecer elementos que possibilitem uma análise política do período histórico no contexto em que se desenrola a história do protagonista. A trama se passa no Rio de Janeiro e seus subúrbios após a proclamação da República, mais especificamente durante o governo do marechal Floriano Peixoto.

O crítico Alfredo Bosi afirma que Lima Barreto “conseguiu criar uma personagem que não fosse mera projeção das amarguras pessoais [...] suas reações revelam o entusiasmo do homem ingênuo, a distanciá-lo do conformismo em que se arrastam os demais burocratas e militares reformados[...]” (1988, p. 361)

A fim de analisarmos o discurso do major Quaresma, reproduzimos na íntegra o famoso requerimento em que solicitava a mudança da língua portuguesa para o tupi-guarani. É interessante destacar o tom paródico do narrador na construção deste discurso. O requerimento foi encaminhado às autoridades, e se tornou motivo de chacota. Por consequência, o major foi considerado louco e internado em um manicômio.

"Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil; certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever em geral, sobretudo no campo das letras, se vêem na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua; sabendo, além, que, dentro do nosso país, os autores e os escritores, com especialidade os gramáticos, não se entendem no tocante à correção gramatical, vendo-se, diariamente, surgir azedas polêmicas entre os mais profundos estudiosos do nosso idioma -- usando do direito que lhe confere a Constituição, vem pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani, como língua oficial e nacional do povo brasileiro.

O suplicante, deixando de parte os argumentos históricos que militam em favor de sua idéia, pede vênias para lembrar que a língua é a mais alta manifestação da inteligência de um povo, é a sua criação mais viva e original; e, portanto, a emancipação política do país requer como complemento e consequência a sua emancipação idiomática.

Demais, Senhores Congressistas, o tupi-guarani, língua originalíssima, aglutinante, é verdade, mas a que o polissintetismo dá múltiplas feições de riqueza, é a única capaz de traduzir as nossas belezas, de pôr-nos em relação com a nossa natureza e adaptar-se perfeitamente aos nossos órgãos vocais e cerebrais, por ser criação de povos que aqui viveram e ainda vivem, portanto possuidores da organização fisiológica e psicológica para que tendemos, evitando-se dessa forma as estéreis controvérsias gramaticais, oriundas de uma difícil adaptação de uma língua de outra região à nossa organização cerebral e ao nosso aparelho vocal - controvérsias que tanto empecem o progresso da nossa cultura literária, científica e filosófica. Seguro de que a sabedoria dos legisladores saberá encontrar meios para realizar semelhante medida e cômico de que a Câmara e o Senado pesarão o seu alcance e utilidade

P. e E. deferimento" (BARRETO, 2001, p. 52-53)

Os argumentos usados pelo major, baseados na sua convicção patriótica, para convencer a câmara foi de que a língua portuguesa era apenas emprestada pelo colonizador; não sendo genuinamente nacional como a língua tupi que representava a identidade do país. Na sua petição também afirma que era necessária a mudança do idioma para eliminar os desentendimentos e controvérsias gramaticais. Além dos argumentos históricos, alega que todo o povo não terá dificuldade de adaptar-se ao novo idioma, e que a emancipação política do país está relacionada à emancipação idiomática, ou seja, que não podemos dominar um idioma que não é nosso e que não respeita a nossa realidade.

Temos então, um discurso onde o major faz uso da retórica, utilizando o gênero deliberativo com a intenção de defender um determinado ponto de vista. Também neste gênero "[...] efetiva-se na discussão, que inclui aconselhar e desaconselhar [...]" (CRUZ apud CÍCERO, 2005, p. 55), busca a persuasão através

de elogios dirigidos aos ouvintes com a intenção de obter aprovação de sua causa “Seguro de que a sabedoria dos legisladores saberá encontrar meios para realizar semelhante medida e cômico de que a Câmara e o Senado pesarão o seu alcance e utilidade” (BARRETO, 2001, p. 53)

Outra parte importante da retórica a ser observada é a invenção, que segundo Cruz (2008, p.5) trata-se das causas verdadeiras e verossímeis. Neste caso o assunto tratado por Policarpo Quaresma não é genuíno e tampouco provável, devido a inviabilidade de se substituir o idioma da noite para o dia, o que fica evidente que o requerimento do major sobrepõe a razão.

Apesar do requerimento ser totalmente descabido, o discurso é bem organizado e estruturado; estava preparado para levar seus ouvintes ao convencimento, refutando os aspectos negativos, que segundo ele seria os malefícios da língua portuguesa na cultura brasileira e enaltecendo os aspectos positivos, ou seja, a favor de sua causa, como por exemplo: a língua tupi “é a única capaz de traduzir as nossas belezas,” (BARRETO, 2001, p. 53)

Com relação à compreensão o discurso é claro e conciso, por ser do gênero deliberativo não apresenta muitos adornos linguísticos.

Quanto à recepção do discurso pelos ouvintes, o efeito foi contrário ao esperado pelo personagem, que acabou sendo visto como divertimento:

O major Quaresma, movido pelo seu instinto nacionalista, esqueceu-se de analisar se sua proposta seria convincente para aquele público. [...] perde credibilidade perante os seus, gerando desta forma, um enorme abismo entre seus ideais e anseios daquela sociedade burguesa. (CRUZ, 2008, p.6)

Neste trecho da obra, temos o momento em que o major Quaresma está preso e reflete sobre seu patriotismo, que não lhe trouxe felicidade:

Desde dezoito anos que o tal patriotismo lhe absorvia e por ele fizera a tolice de estudar inutilidades. Que lhe importavam os rios? Eram grandes? Pois que fossem... Em que lhe contribuiria para a felicidade saber o nome dos heróis do Brasil? Em nada... O importante é que ele tivesse sido feliz. Foi? Não.[...]  
O tupi encontrou a incredulidade geral, o riso, a mofa, o escárnio; e levou-o à loucura. Uma decepção. E a agricultura? Nada. As terras não eram ferazes e ela não era fácil como diziam os livros. Outra decepção. E, quando o seu patriotismo se fizera combatente, o que achara? Decepções. Onde estava a doçura de nossa gente? Pois ele não a viu combater como feras? Pois não a via matar prisioneiros, inúmeros? Outra decepção. A sua vida era uma decepção, uma

série, melhor, um encadeamento de decepções. (BARRETO, 2001, p.175)

Neste discurso indireto livre, o narrador heterodiegético mostra toda angustia do personagem Policarpo Quaresma. No momento em que reconhece que tudo o que pensou e viveu foi um grande equívoco, a voz do narrador e do personagem se misturam, as emoções de Policarpo Quaresma se inserem na fala do narrador.

É um discurso melancólico, em que o personagem se sente traído pela pátria que tanto defendeu, mas por outro lado, é um momento de revelação, quando se dá conta de que cometeu um erro, se apresenta decepcionado com tudo e sem perspectivas, percebe o quanto foi ingênuo ao assumir para si, a luta pela transformação histórica e social do país, ou seja seus projetos patrióticos foram em vão.

#### **4 – Intertextualidade: conceitos e subdivisões e aplicação no ensino**

O discurso nunca é totalmente autônomo; pela intertextualidade este não é falado por uma única voz, mas por várias vozes “geradoras de vários textos que se entrecruzam no tempo e no espaço, a tal ponto que se faz necessária toda uma escavação ‘filológica-semiótica’ para recuperar a significação profunda dessa polifonia” (BLIKSTEIN, 2003, p. 45)

De acordo com Brandão (1995, p. 76), a intertextualidade está dividida em dois níveis:

A intertextualidade interna quando o discurso está relacionado com outro do mesmo campo, podendo divergir ou apresentar enunciados semanticamente próximos.

A intertextualidade externa, por sua vez, caracteriza-se quando o discurso estabelece uma relação com outros campos, conforme os enunciados sejam citados ou não.

Neste capítulo trataremos as diferenças e semelhanças no discurso de *Quixote* e Policarpo Quaresma e num último tópico, abordaremos a intertextualidade aplicada a literatura no ensino médio.

##### **4.1 Semelhanças e Diferenças nas obras de Cervantes e Lima Barreto**

Por apresentar traços que fazem alusão ao cavaleiro da Triste figura, a obra o *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, com seu protagonista, o major Quaresma, vem sendo objeto de estudos desde a sua publicação até os dias atuais. Segundo Cruz (2009, p. 45) o próprio Lima Barreto ficou entusiasmado com a comparação, por ser admirador da obra de Cervantes.

Selecionamos a seguir algumas semelhanças e diferenças no perfil dos personagens protagonistas das obras:

Tanto *Dom Quixote* e Policarpo Quaresma eram aficionados por livros. Don *Quixote* aproveitava o tempo ocioso para ler os famosos livros de cavalaria, vendeu até parte de suas terras para comprar livros e o major Quaresma tinha uma enorme biblioteca que contava com livros de literatura e científicos e muitos de história do Brasil.



Outro fator interessante foi o julgamento das bibliotecas conforme relata a professora Daniela Kahn (2008, p. 1-8). Preocupados com a saúde mental de *Dom Quixote*, o cura e o barbeiro, mais as pessoas que viviam na casa de *Dom Quixote* queimaram quase toda a biblioteca enquanto *Dom Quixote* dormia, por responsabilizarem os livros pela sandice do fidalgo. Já com relação a biblioteca do major quaresma, a mesma não foi queimada, mas as pessoas mais próximas do major, criticavam sua leitura, diziam que ler era coisa para doutor, “\_Devia até ser proibido, disse Genelício, a quem não possuísse um título ‘acadêmico’ ter livros. Evitavam-se assim essas desgraças. Não acham?” (BARRETO, 2001, p. 51), referindo-se à internação do Major Quaresma no manicômio.

*Dom Quixote* se sai melhor nas situações de adversidades, por não reconhecê-las e as conseqüências pelos desatinos dos protagonistas são muito mais sérias na obra de Lima Barreto. Enquanto em *Dom Quixote* prevalece o humor e em muitos casos os próprios personagens secundários também participam da burla, ora para garantir sua diversão, ora para alcançar seus objetivos.

Ambos protagonistas eram solteiros de meia idade e considerados loucos pela sociedade.

A loucura de *Dom Quixote* era movida pelas histórias de cavalaria enquanto em *Triste Fim de Policarpo Quaresma* a loucura está na paródia do Brasil, representada pelo patriotismo exarcebado do Major Quaresma.

Ambos utilizam-se da retórica para defender suas idéias, tem sempre um discurso bem elaborado e convincente.

*Dom Quixote* tinha uma sobrinha que se preocupava com sua saúde, e uma mulher que cuidava dos serviços domésticos, uma ama, como era conhecida na época, já o major vivia com sua irmã também solteira que cuidava dos serviços da casa e tinha uma afilhada que o defendia e ia até as últimas conseqüências para tentar livrá-lo de sua condenação.

Enquanto em *Dom Quixote* temos uma paródia das novelas de cavalaria em uma crítica social mais voltada aos costumes locais, em *Triste Fim de Policarpo Quaresma* temos uma crítica muito forte ao sistema como um todo político, social e econômico.

As obras se passam em contextos históricos totalmente diferentes: Espanha início do século XVII e Brasil início do século XX, trezentos anos separam uma obra da outra.

As mortes dos protagonistas, embora ocorram nas duas obras, são em circunstâncias totalmente diferentes no que diz respeito ao tipo de morte: enquanto *Quixote* morreu de causas naturais, o major foi condenado à morte acusado de traição. Porém há um momento de revelação nos dois casos, quando estão à beira da morte os dois personagens recuperam suas consciências e percebem o quanto foram ingênuos.

O Major Quaresma é considerado um *Quixote* Nacional, principalmente nos aspectos psicológicos, conforme comparação de Oliveira Lima:

[...] Ambos são tipos incuráveis, porque acreditam que os males sociais e sofrimentos humanos podem ser curados pela mais simples e ao mesmo tempo mais difícil das terapêuticas, que é a aplicação da justiça, [...] um levou sovas por querer proteger os fracos; o outro foi fuzilado por querer na sua bondade salvar inocentes. (1997, p. 422)

## 4.2 A Intertextualidade e sua aplicação no Ensino Médio

É interessante ressaltar a importância do estudo da intertextualidade nos textos literários, principalmente quando esta permite a análise de textos de épocas diferentes como é o caso de *Dom Quixote* e *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. Com o confronto de ideias similares existentes em cada um deles, quando um determinado texto tem em seu interior intertextos de outras gerações literárias.

De acordo com as novas Orientações Curriculares para o ensino médio, algumas das propostas apresentadas para o ensino de linguagens, códigos e suas tecnologias tem como finalidade:

O aprimoramento do educando como ser humano, sua formação ética, desenvolvimento de sua autonomia intelectual e de seu pensamento crítico, sua preparação para o mundo do trabalho e o desenvolvimento de competências para continuar seu aprendizado. (Art. 35)[...]  
 integração e articulação dos conhecimentos em processo permanente de interdisciplinaridade e contextualização; [...](OCEM, v. 1, 2006, p.7)

Nos estudos da língua portuguesa através dos textos, a intertextualidade também se faz presente e tem papel importante para:

o estudo de diferentes relações intertextuais (por exemplo, entre textos que mantenham configuração formal similar, que circulem num mesmo domínio ou em domínios diferentes, que assumam um mesmo ponto de vista no tratamento do tema ou não). (OCEM,v1, 2002, p. 39)

Com relação às observações contidas nas Orientações Curriculares, a literatura vem se distanciando do âmbito escolar, diferentemente da alfabetização. Portanto se faz necessário e urgente o “letramento literário”, que nada mais é do que dotar o educando da capacidade de se apropriar da literatura, e conseguindo assim, a experiência literária.

Estamos entendendo por experiência literária o contato efetivo com o texto. Só assim será possível experimentar a sensação de estranhamento que a elaboração peculiar do texto literário, pelo uso incomum de linguagem, consegue produzir no leitor, o qual, por sua vez, estimulado, contribui com sua própria visão de mundo para a fruição estética. A experiência construída a partir dessa troca de significados possibilita, pois, a ampliação de horizontes, o questionamento do já dado, o encontro da sensibilidade, a reflexão, enfim, um tipo de conhecimento diferente do científico, já que objetivamente não pode ser medido. O prazer estético é, então, compreendido aqui como conhecimento, participação, fruição. (Ibid, 2006, p.55)

Baseados em todas essas considerações acreditamos que a partir de uma análise intertextual de textos literários, o ensino da literatura despertará no educando uma motivação a mais. Para tanto o estudo deve ser bem mais amplo do que uma simples análise comparativa, é necessário que se tenha conhecimento de todos os aspectos que envolvam a obra, pois sem entender os “por quês” o aluno dificilmente se interessaria por literatura, uma vez que nem sempre as obras mais importantes estão ao alcance deles. Acreditamos que para mudar esse panorama, é necessário um esforço coletivo não só do docente, como de toda equipe pedagógica de cada escola.

## 5. Considerações finais

A partir do estudo realizado, com base teórica pautada na Análise do Discurso, através do estudo da heterogeneidade, foi possível evidenciar que há semelhanças significativas no perfil dos personagens *Dom Quixote* e Policarpo Quaresma, principalmente no que se refere à loucura e a falta de discernimento dos personagens em questão. Também encontramos muitos elementos em comum relacionados à aparência, ideologia e o discurso retórico, que pela construção, contradiz a condição de louco, como são conhecidos os personagens. Porém, as diferenças ficam mais evidentes se compararmos o contexto social histórico de cada um, a construção do personagem, as características do narrador e principalmente as características da obra: em *Dom Quixote*, uma paródia das novelas de cavalaria, e em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, uma crítica à sociedade brasileira como um todo, também em forma de paródia.

Desta forma, entendemos que as duas obras são distintas uma da outra, mas que existe sim um diálogo entre elas.

Quanto à análise intertextual das obras no ensino de literatura, acreditamos ser uma maneira de despertar no educando o interesse pela leitura, pois o ato de comparar permite ao aluno uma reflexão mais ampla, e conseqüentemente a apropriação da literatura, que é o objetivo principal das Orientações Curriculares para o Ensino Médio.

## Referências:

AUTHIER-REVUZ, J. **Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours.** D.R.L.A.V.. Paris, n. 26, 1982

BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma.** 23ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

BLIKSTEIN, Isidoro. Intertextualidade e Polifonia. In.: BARROS, Diana L. P. de.; FIORIN, José L. (Orgs.) **Dialogismo, polifonia e intertextualidade: em torno de Bakhtin.** São Paulo: EDUSP, 2003.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira.** 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1988

BRANDÃO, Helena Nagamine. **Introdução a análise do discurso.** 2 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

BRASIL. Secretaria de Educação. **Orientações curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.** Vol.1 Brasília: MEC/SEB, 2006, 239p.

CARNEIRO, Eduardo A. e CARNEIRO, Egina A. R. **Notas introdutórias sobre a análise do discurso, parte 4 in. Fundamentos da Análise do Discurso -** Publicado em 11.07.2007 disponível em <http://www.duplipensar.net/artigos/2007s1/notas-introductorias-analise-do-discurso-fundamentos.html> - acessado em 17/09/2010

CERVANTES, Miguel. **Don Quijote de la Mancha I.** Madrid-España: Edelsa, 1995

\_\_\_\_\_ **Don Quijote de la Mancha II.** Madrid-España: Edelsa, 1996

CÍCERO. **Retórica a Herênio.** Tradução e introdução de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.

CHAUI, Marilena. **O que é Ideologia.** 2ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político – SÃO PAULO: Contexto, 2006** disponível em: [http://www.editoracontexto.com.br/produtos/pdf/DISCURSO\\_POLITICO\\_CAP1.PDF](http://www.editoracontexto.com.br/produtos/pdf/DISCURSO_POLITICO_CAP1.PDF)

Acessado em 30/10/2010.

CRUZ, Ana Aparecida T. **Dimensões da loucura nas obras de Miguel de Cervantes e Lima Barreto: Don Quijote de La Mancha e Triste Fim de Policarpo Quaresma.** Dissertação de Mestrado. USP. São Paulo, 2009

\_\_\_\_\_ **A Retórica nos discursos de Dom Quixote e Policarpo Quaresma.** In. **XI Congresso Abralic Tessituras, interações e convergências.** USP . São Paulo, 13 a 17/07/2008

"*Dom Quixote*" é eleito o melhor livro de todos os tempos. **Folha On-line**, da Reuters, em Oslo, 07/05/2002. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/reuters/ult112u15532.shtml>. Acesso em: 5 nov. 2010.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do Texto 1: Prolegômenos e Teoria Narrativa**. 2 ed. São Paulo: Ática, 2004.

FARACO, Carlos. Lima Barreto: uma leitura afiada. In: BARRETO, Lima. **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. 23 ed. São Paulo: Ática, 2001. 182p. Suplemento

FIGUEIREDO, Carmem L. N. de. A ousadia de sonhar. In: Houaiss, A.; FIGUEIREDO, C. L. N. de. **Lima Barreto: O Triste Fim de Policarpo Quaresma**. Edição Crítica. São Paulo: Scipione Cultural, 1997, 691p

FIORIN, José L. **Linguagem e Ideologia**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2005.

FERNANDES, Cleudemar. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do Saber**. 7ed. Tradução Luiz Felipe Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005

KAHN, Daniela M. O Julgamento da biblioteca no *Quixote* e *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. In. **XI Congresso Abralic Têxtil, interações e convergências**. USP . São Paulo, 13 a 17/07/2008

LARROSA, J. Os paradoxos da repetição e a diferença: notas sobre o comentário do texto a partir de Foucault, Bakhtin e Borges. In: ABREU, M. (Org.). **Leitura, história e história de leitura**. São Paulo: FAPESP, 1999

LAROUSSE CULTURAL, Grande Enciclopédia. São Paulo: Nova Cultural, 1998, v. 4, 986 p.

LIMA, M. de O. Policarpo Quaresma. In: Houaiss, A.; FIGUEIREDO, C. L. N. de. **Lima Barreto: O Triste Fim de Policarpo Quaresma**. Edição Crítica. São Paulo: Scipione Cultural, 1997, 691p.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976

LOPES, José G. Cervantes y el Quijote, In: **Historia de La Literatura Española**. 20 ed. Barcelona: Vicens Vives, 2009.

LUKÁCS, Georg. **Teoria do Romance**. Lisboa: Presença, 1933.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. 3 ed. Campinas-SP: Pontes, 1997.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso: princípios & procedimentos**. 6 ed. São Paulo: Pontes, 2005

\_\_\_\_\_. Discurso e Argumentação um Observatório do Político – Fórum Linguístico, Fpolis, nº 1 p. 73-81, jul-dez. 1998 - Disponível em

[http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view\\_file/6915/6378](http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view_file/6915/6378) acessado em 23/10/2010.

\_\_\_\_\_ **Discurso e leitura**. Campinas: Cortez/Editora da Unicamp, 1988.

\_\_\_\_\_ (et al.). **Sujeito & Discurso**. São Paulo: Editora da PUC-SP (Série Cadernos PUC – 31).1988b.

OSAKABE, Haqira. **Argumentação e discurso político**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ROTTERDAM, Erasmo. **Elogio da Loucura**. São Paulo: Rideel, 2003 p. 16

SOLER, Miguel. “La lúcida locura de Don Quijote: una máscara para la crítica social”. In: Revista electrónica Lemir, Literatura Española Medieval y del Renacimiento. Número 12. Universitat de València, 2008, pp. 309-324.

SOUZA, Eunice P. de. Quixotismo: um percurso para o herói problemático na literatura brasileira. In. **XI Congresso Abralic Tessituras, interações e convergências**. USP . São Paulo, 13 a 17/07/2008

VIEIRA, Maria Augusta da C. **Quixote. A letra e os Caminhos**. São Paulo: Edusp, 2006.